

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro das Cidades

Marcio Fortes de Almeida

Diretor do Departamento Nacional de Trânsito

Alfredo Peres da Silva

Coordenadora Geral de Qualificação do Fator Humano no Trânsito

Juciara Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Bibliotecária responsável: Thaís Moraes CRB-1/1922

Brasil. Departamento Nacional de Trânsito.

O show do século; Diário de um diário / Texto de José Ricardo Moreira e Juciara Rodrigues; Ilustração de César Lobo. – Brasília: Ministério das Cidades, Denatran, 2008.

31, 31 p. : il. color.; 20x20 cm. – (Viva o trânsito: participe! histórias para o ensino fundamental, v. 3)

Capa de Diário de um diário.

Texto em direções opostas.

Coleção composta por três volumes.

1. Trânsito, Educação. 2. Ensino Fundamental. 3. Literatura infanto-juvenil. I. Rodrigues, Juciara. II. Moreira, José Ricardo. III. Lobo, César. IV. Título. V. Título: Diário de um diário.

CDU – 372.4 (81)

O show do século



O show do século...I

O banco do passageiro é um bom lugar para se pensar na vida. E o tempo voa quando se tem um compromisso e o trânsito demora a fluir. Então, juntando as duas coisas, o resultado pode ser muito parecido com a situação de Cris, sentada no banco do passageiro, apertando nas mãos os ingressos para o show de rock e pensando em todo o esforço que fez para conseguir estar ali, naquela hora, naquele lugar.

Sabe lá o que é colecionar tudo de sua banda favorita e no dia em que, finalmente, ela vem à sua cidade, ter a sensação de que tudo vai dar errado? Em primeiro lugar, a luta para conseguir ingressos foi inacreditável. Mas conseguiu. Três, na verdade: um para ela e os outros dois para Carla e Anita, amigas do peito. Por sinal, elas deveriam estar lá, na entrada do ginásio, aflitas com a demora. A paciência de Cris estava quase esgotada:

- Pai, não dá pra apressar um pouco, não?
- Como, filha? Você está vendo que não há como acelerar. Quanto mais próximos do ginásio, mais devagar avançamos.
- Desse jeito vou perder o começo do show.
- Desde a minha época de adolescente, show de rock começa com, pelo menos, uma hora de atraso. Não tinha era esse engarrafamento pra chegar, mas fazer o quê? Ah! Eu já lhe contei que fui um bom dançarino?
- Não, pai, não contou...

- Eu era um craque. Sua mãe que o diga. Parece que foi ontem...

O pai emendou na história do dia em que conheceu a mãe em um concurso de dança. Quanto mais lentamente o carro prosseguia, mais comprida a história parecia ficar. Cris se sentia a garota mais injustiçada do mundo. Ninguém podia imaginar o esforço tremendo que foi conseguir aqueles ingressos. Ninguém fazia idéia do que aquela banda representava para ela. Ninguém tinha noção do trabalho danado que foi acertar tudo, da roupa aos amigos. Ninguém...

Aliás, ninguém a entendia muito bem, mesmo. Não era nenhuma novidade ter que enfrentar seus problemas sem poder dividi-los com outra pessoa. Cris se fechava em seus pensamentos enquanto o pai continuava a história. Será que alguém, naquela cidade, estava passando por uma situação ao menos parecida com a dela, vendo a hora do show se aproximar com os ingressos na mão e uma fila interminável de carros pela frente? Por essas e por outras é que, às vezes, Cris se sentia, de certa forma, perseguida pelo destino.



O carro seguia lentamente. O pai entrava na terceira fase do concurso de dança:

- O concurso de *disco* foi um dos mais difíceis que aconteceram naquela época. Todo mundo imitava o Jonh Travolta.

Disco? Travolta? Resolveu nem perguntar. Não estava com o menor ânimo para interromper a emocionante narrativa. Já lhe bastava ser a garota com o maior problema do mundo.

Pausa!!

Pense!

- Você já passou por uma situação semelhante à enfrentada por Cris? O que sentiu?
- O que as pessoas devem fazer para não chegarem atrasadas em seus compromissos por causa dos congestionamentos no trânsito?
- Na sua cidade costuma ter grandes eventos (shows, jogos de futebol, feiras)? Esses eventos alteram as condições do trânsito? Quais são as ações adotadas pelos órgãos de trânsito no dia dos grandes eventos?
- Os congestionamentos podem afetar a qualidade de vida das pessoas? Por quê?

Saiba mais!

O Brasil tem quase 50 milhões de veículos atualmente. São automóveis, caminhões, motocicletas, ônibus, microônibus, caminhonetes e outros veículos circulando todos os dias pelas ruas, estradas e rodovias. É muita coisa!

E o pior: os veículos lançam gases no ar que provocam o efeito estufa (aquecimento da Terra). As mudanças no clima, em função do efeito estufa, podem matar milhares de espécies de plantas e de animais. Além disso, a liberação desses gases pode causar doenças nas pessoas: tosse, bronquite crônica, alergias.

Por isso, o Ministério das Cidades lançou um programa bem interessante chamado "Bicicleta Brasil" que tem como objetivo incentivar os municípios brasileiros a construir ciclovias e ciclofaixas para o trânsito de bicicletas. Bicicleta não polui o ar, além de ser um ótimo "aparelho" para exercitar o corpo.

Outra iniciativa legal: a prefeitura de Paris (na França), criou um sistema de aluguel de bicicletas. São 11 mil bicicletas, disponíveis em mais de 750 estacionamentos espalhados pela cidade e a tendência é aumentar a quantidade.

O sistema funciona assim: a pessoa vai até um dos estacionamentos, pega a bicicleta e deve devolvê-la em outro estacionamento. O custo é menor que uma passagem de ônibus.

Faça!

Organize um passeio ciclístico com a turma da escola, os professores, as professoras e as famílias.

Em primeiro lugar, é preciso definir o trajeto do passeio. Depois, entrar em contato com o órgão responsável pelo trânsito na cidade para pedir autorização e ajuda no dia do passeio.

Lembre-se: as bicicletas devem estar equipadas conforme determina o Código de Trânsito Brasileiro e, na cabeça, capacete de proteção!

Bom passeio!



UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

A “famosa” bicicleta já teve nomes bem diferentes no decorrer dos tempos: celerífero (1790), celerípede (1816), biciclo (1818), velocípede (1861), bicicleta de segurança (1885).

A primeira delas, o celerífero, criada pelo francês M. Sivrac, tinha rodas de madeira e não havia pedais. Tinha que ser impulsionada com os pés!



E a história, cadê?

O show do século...II

Edu saiu de casa bem cedo. Não podia perder o show por nada no mundo. Estava se preparando para aquele dia há meses e muita coisa dependia de que tudo saísse certo. Na verdade, o começo de seu projeto de vida dependia do show daquela banda de rock.

A idéia era muito simples: Edu entendia tudo de serigrafia. Gravação em camiseta era com ele mesmo. E entendia mais ainda de rock. Nos dois últimos meses, tinha aplicado todas as suas economias na compra de tintas, telas, solventes, espátulas, enfim, na tralha necessária para produzir um material altamente vendável: camisetas da banda. Mas não camisetas comuns, daquelas que todo mundo tem. Eram camisetas especiais, feitas em parceria com Nando, desenhista de mão cheia e profundo conhecedor daquela banda. Cada peça parecia um exemplar personalizado.

Mas onde estava a grande idéia, o projeto de vida? Bem, havia um certo exagero naquilo. Não era bem um





projeto de vida, mas poderia se tornar um excelente começo de alguma coisa mais sólida. O fato é que Edu e Nando transformaram tudo o que tinham – e o que puderam pegar emprestado – em dinheiro, ou melhor, em camisetas. Se conseguissem vender todas teriam um lucro bom o bastante para dar início a um negócio de verdade. Uma lojinha de serigrafia funcionando na garagem do pai de Edu ou do pai de Nando ou em qualquer outra garagem que haveriam de conseguir.

Moral da história: se os carros caminham lentamente, imagine os ônibus. Edu morava longe, saiu cedo, fez tudo dentro do previsto. Contava estar na porta do ginásio umas quatro horas antes do show. Mas a vida de quem mora mais longe e precisa pegar coletivo é mais complicada. No final das contas, com aquelas caixas todas, perdeu um tempo enorme. Acabou parado num terminal rodoviário, esperando o ônibus da linha 736, 742, 755... Já nem sabia mais. Sentado sobre suas caixas cheias de camisetas, Edu se sentia sentado sobre o seu futuro. E pensava:

- Puxa vida. Meu futuro está preso num terminal rodoviário. Que grande começo!

Quando calculava os pagamentos e as indenizações para os empréstimos (será que aceitariam camisetas no lugar de dinheiro?), Edu ouviu a buzina da perua. Era o Nando que chegava para “salvar a pátria”. Se conseguissem chegar até o ginásio, é claro. O carro não inspirava nem um pouco de confiança.

- Cara, como é que você me encontrou? – perguntou Edu.

- Não foi difícil. Foi só seguir o trajeto que você percorreria. Eu imaginei que as coisas poderiam se complicar com todas essas caixas. Vai, entra logo, o Tufão vai levar a gente até lá.

Edu teve até medo de perguntar se Tufão era o motorista ou o apelido da perua. Melhor deixar pra lá. Não se pode abusar da sorte. Aliás, já seria muita sorte se, àquela altura, conseguissem chegar perto do ginásio. O que dizer, então, das chances de encontrar um lugar perto das bilheterias, onde pudessem estender as camisetas em um varal?

Um detalhe final: assistiriam ao show? Isso não estava nos planos. Não é que não gostassem da banda. Mas quem tem um negócio por começar precisa fazer alguns sacrifícios.

Pense!

Pausa!!

- *“Um carro bem conservado é segurança certa”*. Você concorda com esta frase? Por quê?
- Quais as conseqüências do trânsito de veículos mal conservados?
- Um automóvel precisa ser novinho em folha para estar bem conservado?

Saiba mais!

Ter um automóvel exige uma série de cuidados. É preciso conservá-lo, mantê-lo em boas condições de funcionamento, levá-lo a revisões periódicas.

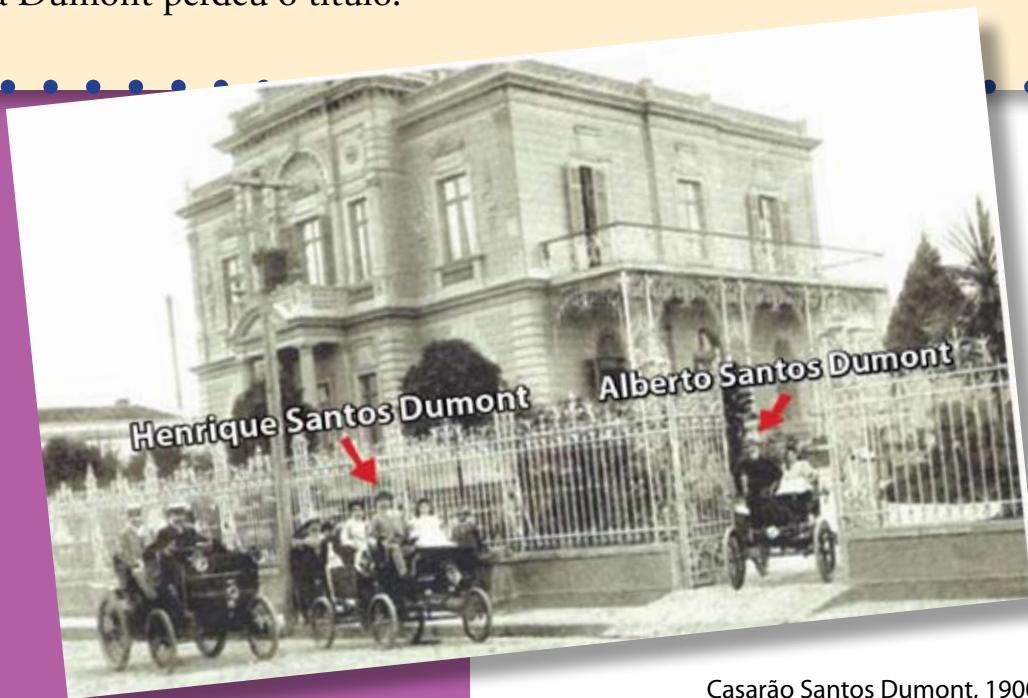
Um automóvel precisa estar com o sistema de direção em dia, com os freios em ordem, com os pneus tinindo, com todas as luzes funcionando perfeitamente, com o óleo do motor novinho, com a bateria carregada, com o radiador cheio d'água. Enfim, com tudo “em cima”. Veículos bem conservados não poluem o ar e não causam acidentes!

Cuidar do automóvel é importante para a segurança do motorista, dos passageiros e para a segurança de todas as outras pessoas que compartilham o espaço público.

UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

A História elegeu Henrique Santos Dumont – irmão do inventor – como o proprietário do primeiro automóvel a transitar no Brasil, em 1901.

Porém, um visitante relatou ter visto, na cidade do Rio de Janeiro, em 1898, um carro aberto, com quatro rodas de borracha, com dois passageiros e que se movia por si mesmo. O visitante deve ter comentado sobre o automóvel do Senhor Penteadado, mas como ele não era tão famoso quanto a família Dumont perdeu o título.



Casarão Santos Dumont, 1900.

E a história, cadê?

O show do século...III

O que dá mais dinheiro, vender amendoim ou vigiar carro? Passar a flanela ou guardar vaga? Vender água mineral ou pacote de jujuba? Depende do show, do jogo, do circo.

Maneco, Manequinho, Manecão. O primeiro com 13, o segundo com 11 e o terceiro com 14 anos. Três amigos do peito. Tão amigos que ganharam o mesmo apelido, variando apenas o tamanho do nome, de acordo com o tamanho e a idade do proprietário. Turma solidária, espertíssima em dividir dificuldades e oportunidades. E o show era a grande oportunidade dos últimos tempos.

Rock? Sertaneja? Romântica? Isso é o que menos contava. O segredo era saber vender o produto certo no espetáculo certo. Para futebol, cachorro-quente e amendoim. Para show de rock, onde o pessoal dançava do começo ao fim, água ia muito bem. Para show romântico, de se ouvir de mãos dadas, aqueles pacotes de chocolate em pastilhas vendiam que era um espanto. Por que razão? Mistérios do mundo dos negócios.

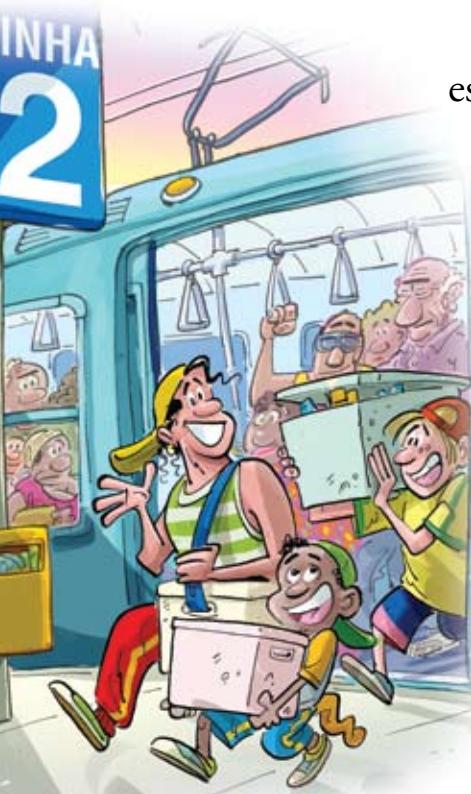
Os três Manecos saíram de casa bem cedo. O show seria à noite. No caminho, foram parando para “levantar um dinheirinho” no trânsito, cuidando de carro, passando flanela, essas coisas.

A idéia era chegar no ginásio com um estoque de água suficiente para compensar o esforço. Afinal, cruzariam toda a cidade de trem, saindo lá do subúrbio. Horas e horas num balançar monótono e cansativo até o centro da cidade. De lá até o lugar do show, o negócio era andar, pegar carona, ônibus, o que fosse possível conseguir.

Agora se encontravam a umas poucas quadras do ginásio, dentro de um furgão cheio de água até o teto. Tinham feito um excelente acordo, trabalhando como intermediários para o dono da água. Algumas vantagens indiscutíveis: não precisavam empregar capital – até porque não tinham – não corriam o risco de ficar sem produto e, no final das contas, ganhavam uma comissão limpinha, livre de custos.

O único problema era conseguir chegar a tempo, estacionar o furgão, distribuir a mercadoria para cada um e, depois de tudo, arranjar um lugar estratégico para oferecer água a quem chegasse. Sim, porque a venda teria que ser feita fora do ginásio, de preferência nas filas. Dentro era impossível entrar e, mais ainda, vender.

Manequinho, o menor – e mais esperto – tinha uma carta na manga. Ou melhor, na bolsa: uns vinte saquinhos de amendoim salgado. Se as vendas não estivessem bem aquecidas, nada como um amendoim para estimular o consumo.



Se um daqueles inúmeros repórteres perguntasse a qualquer um dos três Manecos o que esperavam daquele show, com certeza ouviriam uma resposta bastante parecida: um bom dia de vendas. Não, pensando bem, um bom show. Porque show de rock só presta se todo mundo pular. E, se todo mundo pular, não vai sobrar garrafa de água no estoque.

Pausa!!

Pense!

- Em sua cidade é comum encontrar crianças que trabalham de forma semelhante aos Manecos? Que tipo de atividade elas desempenham?
- Por que meninos e meninas (assim como os Manecos) precisam trabalhar nas ruas?
- Se você fosse o(a) Prefeito(a) de sua cidade, o que faria para que as crianças não precisassem trabalhar nas ruas?
- Você acredita que crianças como os Manecos correm perigo no trânsito? Por quê?

Saiba
mais!

No Brasil existem muitas crianças que precisam trabalhar para ajudar a família. Algumas crianças trabalham na roça, plantando ou colhendo frutas, verduras, cana, sisal. É uma vida dura! Outras crianças, como os Manecos, trabalham nas ruas das cidades, vendendo chocolates, balas, água ou entregando pães e pequenas mercadorias. A vida dessas crianças também não é nada fácil.

As crianças que trabalham nas ruas das cidades aprendem, desde muito cedo, a se locomoverem sozinhas. Sabem atravessar as ruas, pegar ônibus e percorrer caminhos a pé.

No entanto, todas as crianças precisam tomar alguns cuidados no trânsito:

- evitar brincadeiras no meio da rua;
- não correr atrás de uma bola;
- andar sempre na calçada, longe do meio-fio;
- atravessar a rua nas faixas para pedestres e quando não houver faixa ou sinal, atravessar em linha reta até a outra calçada;
- só subir ou descer do ônibus quando ele estiver parado;
- não colocar a mão para fora de um veículo em movimento;
- nunca atravessar a rua saindo de trás de algum veículo parado.

Faça!

Faça uma pesquisa sobre o trabalho infantil no Brasil. Você pode encontrar muitas informações em *sites* e livros bem interessantes.

Depois, elabore uma redação com o seguinte título: ***“Lugar de criança é na escola!”***.



UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

Em 1891, foi promulgada a primeira lei para a proteção da infância. Mas durante 100 anos ela não serviu quase nada para proteger as crianças que trabalhavam.

A Constituição Federal, de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, representaram uma nova fase para a luta pelo fim do trabalho infantil em nosso país.



E a história, cadê?

O show do século... IV

O agente de trânsito Oliveira já tinha visto muita coisa naquela cidade. Não era a primeira vez que trabalhava para fazer a operação de trânsito perto do ginásio de esportes. Qualquer pessoa que estivesse de fora pensaria que os veículos formavam uma massa com vontade própria, que insistia em caminhar sempre na mesma direção: a do engarrafamento. Mas, para quem estava há muito tempo naquele trabalho, como ele, aquilo tudo fazia sentido. Ou melhor, seu trabalho era fazer aquilo tudo “fazer sentido”. E para conseguir isso, ele tinha uma arma secretíssima: bom senso.

Com tanta experiência, o agente sabia que a lei, apenas, não bastava para fazer o trânsito fluir. Afinal, como em qualquer espaço de convívio social, no trânsito as pessoas são responsáveis por seus atos. Os amigos de Oliveira não entendiam bem quando ele dizia:

– Quando aparece algum problema no trânsito eu procuro mostrar às pessoas que elas têm mais poder do que eu para resolver. E que, se elas teimarem, não há legislação que resolva. No trânsito, cada um precisa fazer a sua parte!

O agente Oliveira nunca tinha visto uma concentração tão grande como a daquele show. Desde muito cedo o estacionamento em volta do ginásio foi tomado por uma onda permanente de carros chegando e partindo. Mas, no fundo, a situação se repetia: quanto mais rápido as pessoas deixassem passageiros ou cargas e saíssem do local, melhor o trânsito poderia fluir.

Pois foi exatamente um ponto de retenção do trânsito que chamou a atenção do agente. Um furgão e uma perua parados diante de uma vaga de descarga e seus ocupantes na maior discussão. Enquanto isso, uma fila esperava a desobstrução da pista. O agente se aproximou:

- Ainda bem que chegou uma autoridade, o Nando falou.

- É isso mesmo, respondeu o Maneco, o agente vai dar logo uma dura em vocês.

Era isso mesmo: na pressa por descarregar logo seus estoques, a perua de Edu e Nando e o furgão dos três Manecos disputavam uma vaga. E nada da fila andar!



- Bom, disse o agente, vocês podem ficar discutindo aqui até de madrugada, quando o show tiver terminado. Ou eu posso aplicar uma multa, já que vocês não podem atrapalhar o trânsito dessa maneira. Mas o melhor mesmo é que cheguem a um acordo.

- Não tem acordo, nós chegamos primeiro, os Manecos falaram.

- Chegaram primeiro? Vocês são cegos? Não viram que estávamos esperando por esta vaga? – retrucaram Edu e Nando.

Pelo jeito, ninguém estava disposto a ceder naquela discussão. O agente pegou o bloco de anotações e começou a rabiscar algumas coisas.

- Pô, seu agente, já vai multar? – reclamaram todos ao mesmo tempo.

- Não estou multando ninguém. Estou fazendo umas contas aqui. Enquanto vocês discutem, entram 30 espectadores por minuto no ginásio. Ou seja, a cada minuto vocês perdem 30 clientes. Grande negócio discutir aqui fora...



Nunca um furgão e uma perua chegaram a um acordo tão rápido. A turma do furgão ajudou Edu e Nando a descarregar as camisetas. Nando e Edu ajudaram os Manecos a descarregar as garrafas de água. E o trânsito andou que foi uma beleza!

Pausa!

Pense!

- Os motoristas e pedestres de sua cidade manifestam respeito às normas de convivência, evitando situações de conflito e agressão? Dê um exemplo desse tipo de conduta.
- Você já viu alguém brigando no trânsito? Qual foi a sua sensação?
- Todas as pessoas são responsáveis pela paz no trânsito. Você acredita nisso?



Saiba
mais!

No dia 23 de maio de 2008, às 22h37, um jovem de 18 anos, chamado Alexandre Reyes, foi morto com um tiro nuca, na zona sul de São Paulo. Ele não foi morto por um assaltante nem por um bandido (desses que querem roubar, deviam estar presos, mas andam soltos pelas ruas). Ele foi morto porque o carro que dirigia quase bateu na traseira de uma picape vermelha (nem chegou a bater!). Aí, o dono da picape – que tinha um revólver – partiu para a briga e matou Alexandre.

Assim como Alexandre, muitas outras pessoas já foram vítimas fatais em brigas de trânsito. Perderam a vida ou foram agredidas violentamente por terem a infelicidade de encontrar em seu caminho um tipo de gente muito pior que bandido ou assaltante. Gente, como o dono da picape, que não tem amor à vida, que não tem educação, que não sabe o que é respeito. Gente má que precisa ser punida com rigor pela justiça.

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria, os problemas de comportamento que vemos no trânsito são tantos que podem ser considerados como uma doença chamada *fúria do trânsito*.

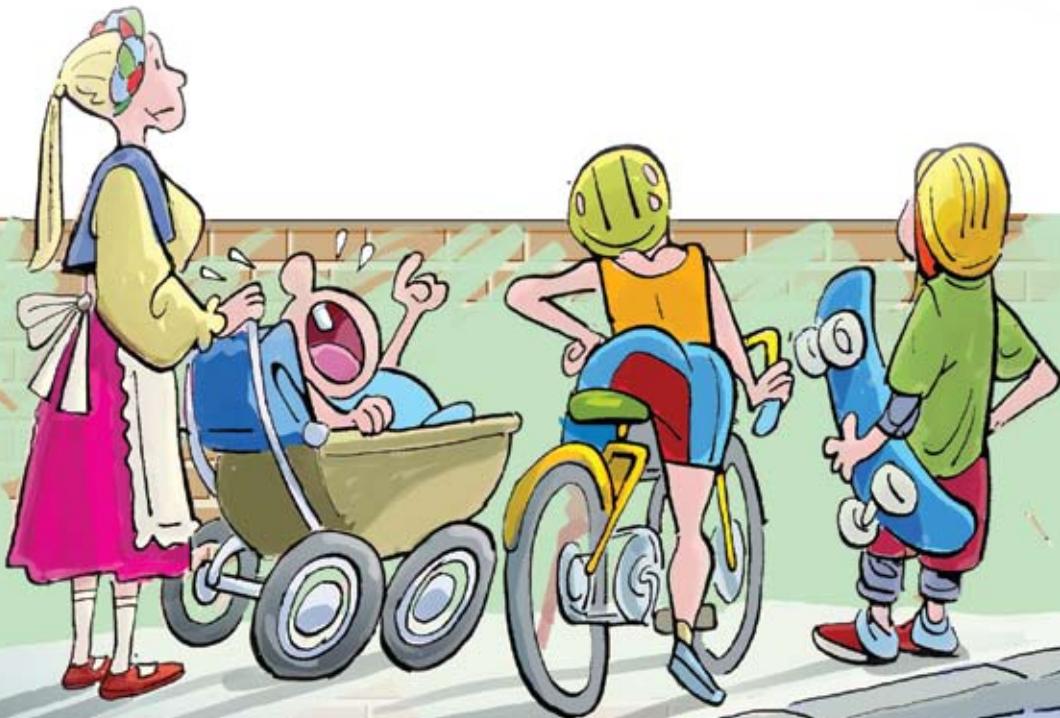
Faça!

Crie uma campanha de paz no trânsito!

Reúna-se com seus colegas para pensar sobre o projeto de uma campanha de paz no trânsito voltada para os alunos da escola, famílias e comunidade.

Vocês podem gravar mensagens para serem tocadas na hora do recreio, reunir as famílias para debater sobre o assunto, fazer panfletos para serem distribuídos, criar um jornalzinho com informações e mensagens de paz e até produzir um filme com toda a turma. Vai ser muito legal!

Tenha certeza, a paz no trânsito depende do esforço de todos nós!



UM PASSEIO PELA HISTÓRIA...

As brigas no trânsito já aconteciam bem antes da chegada do automóvel.

Em 1566, na cidade do Rio de Janeiro, os homens costumavam andar segurando bordões (varas) para subir e descer os morros. No entanto, somente os ricos podiam ter bordões mais compridos. Os pobres deviam ter bordões curtos sob pena de serem multados ou processados.

Acontece que Gaspar Rodrigues de Moura (de modesta origem) caminhava com um bordão bem alto quando encontrou com o vice-alcaide (uma espécie de vice-governador) Francisco Fernandes. Ao ver o bordão de Gaspar, maior que o seu, o vice-alcaide não só cortou o bordão como também multou o homem em dois tostões (tostão era o dinheiro daquela época).

Gaspar xingou o vice-alcaide até não poder mais e jurou vingança. Passadas duas semanas, Francisco Fernandes (com seu enorme bordão) fazia a ronda noturna da cidade quando foi atacado por Gaspar que lhe deu uma tremenda surra de pau. Depois da surra, Gaspar sumiu da cidade e só pôde voltar quando pagou 100 cruzados (uma fortuna!). Mas, ainda assim, teve que esperar seis meses para ser julgado.

E a história, cadê?

O show do século ... Final

Quando Cris conseguiu chegar ao ginásio, fazia um bom tempo que a confusão entre a perua e o furgão havia terminado. Já era possível ouvir os primeiros acordes dos instrumentos. E as amigas, onde estavam? Nem sinal delas em frente à bilheteria combinada. À medida que os gritos e assobios aumentavam lá dentro, a preocupação de Cris aumentava do lado de fora.

Realmente, ela era a menina com o maior problema do mundo. Ou quase. Porque, a poucos minutos de começar o show, o celular tocou:

- Carla? Mas onde é que você está? Nós não combinamos de nos encontrar na primeira bilheteria, menina? E a Anita?

- Desculpa, Cris, mas é que a hora do show foi se aproximando e nada de você chegar... Como estávamos sem telefone, preferimos entrar e procurar alguém conhecido pra nos emprestar um. Deu pra entender?

- Não muito. Acho que vocês estavam desesperadas com medo de perder o show, isso sim!

- De qualquer forma, não importa, vem pra dentro.

- Tá bem, estou indo. Aliás... Como é que vocês entraram?

- Presente surpresa de uma tia da Anita, dois ingressos. Dá pra acreditar?

Não, não dava! Depois de tanta luta, de tantos problemas, agora estava ali, na frente do ginásio, com três ingressos nas mãos e furiosa com as amigas! Se elas soubessem o que ela tinha passado... Ah, mas aquilo não ia ficar assim, sem resposta. De jeito nenhum! Tinha que achar um modo de entrar em grande estilo, impressionar logo de cara. Se tivesse dinheiro para comprar uma daquelas camisetas. Eram incríveis, pareciam pintadas a mão uma a uma.

Chegou perto do varal. Edu se aproximou:

- E aí, vai levar uma camiseta? É por uma boa causa.

- Que boa causa?

- A nossa boa causa, minha e do meu sócio: recolher fundos para começar nossa oficina de serigrafia.

- Ah, se eu tivesse dinheiro...

- Olha, só sobraram essas aí, faço um preço bem em conta. Vendemos praticamente tudo em menos de uma hora.

- Pois é, mas eu estou “limpa”. Só tenho uns trocados... E estes ingressos aqui.

- Tá brincando? Dois ingressos? Negócio fechado!

- Dois ingressos por três camisetas?

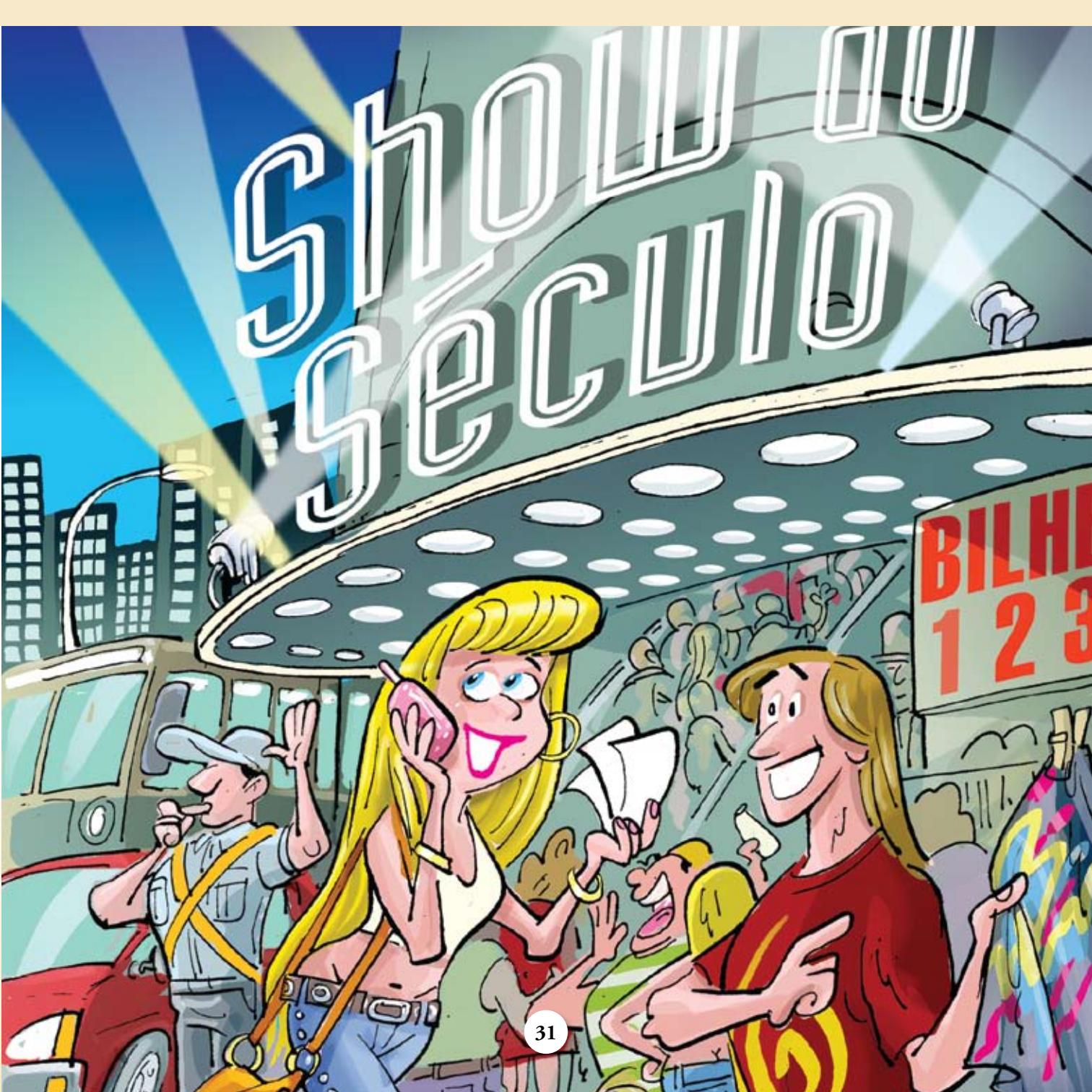
- Tudo bem, está valendo.

Por essa Cris não esperava. Ia entrar, encontrar as amigas e ainda levar camisetas sensacionais para elas. Uma grande resposta.

Enquanto caminhavam para a fila de entrada, Cris ficou conhecendo Edu, Nando e os três sujeitos engraçados que vendiam água bem perto da roleta. E ficou sabendo da loucura que foi, para eles, conseguir chegar ao show para ganhar uns trocados. Ou, como dizia Edu, para “recolher fundos”. Cris não admitiu, mas ficou até sem graça ao pensar que quase teve um ataque de nervos porque o carro atrasou um pouco. Enquanto isso, aquela turma passou na rua o dia inteiro, criando mil maneiras de contornar suas dificuldades. Talvez fosse a hora de começar a conhecer mais o mundo que existia do outro lado da janela do seu quarto. Assim, quem sabe os problemas pareceriam menores?

Resumo da ópera, ou melhor, do rock: pra quem nem estava pensando em assistir ao show, conseguir os ingressos foi um presente; pra quem só estava pensando em entrar no show, conseguir as camisetas foi o máximo. Pra quem tanto faz sertanejo como rock, não faltou gente querendo água.

E para o agente Oliveira? Bem, para o agente Oliveira ainda havia uma longa noite pela frente, até aquele imenso pátio voltar a ficar vazio. Mas a verdade é que ele gostava daquele trabalho. Já tinha visto muita coisa pelas avenidas da vida.



**O show
do século**

Fim

Vire o livro para ler a próxima história.

